

A RAZÃO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Director e Editor, Dr. David d'Oliveira

N.º 18 do 1.º Ano

Guimarães, 29 de Abril de 1923

Redacção e Administração, Rua da Liberdade, 94

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade—FAPE

JUIZO

No nosso ultimo artigo, referimo-nos aos emprestimos que virão a ser realizados com o fim de, por agora se conseguir a fixação da divisa cambial, e mais tarde, a sua melhoria gradual e metódica. Admitimos até, após algumas considerações, a hipótese de melhores dias para Portugal, caso não surjam conflitos graves que venham impedir a sua realização, conflitos que bastante receamos, atendendo a factos ultimamente passados que bem mostram a conclusão em que nos encontramos.

Ora, desde que o Governo se propõe castigar todos os culpados, quem quer que sejam, e se resolve a colocar no seu lugar tudo o que dele está desviado, entendemos que qualquer obstruccionismo á sua obra, é um crime que não merece perdão.

Sobre o estado actual do País, são por demais conhecidas as discussões que se tem travado.

Sucedem-se os discursos, as entrevistas e as reuniões. Apesar disso, nada de concreto, nada de positivo se apresentou até hoje com o intuito de fazer sair a nação da falsa situação em que se encontra.

Basta, pois. Deixemos de odios e questões políticas e vamos ao trabalho. Entremos no caminho das realizações práticas, acabemos com subtilidades, terminemos com toda essa avalanche de decretos e escolhamos conscienciosamente o caminho a seguir.

E' necessário exigir-se de todos os portugueses um grande, um pesado sacrificio? Exija-se.

Mas ao mesmo tempo, cuide-se a sério da economia nacional, castiguem-se inexoravelmente todos esses actos criminosos que nos deprimem, que nos envergonham e diminuam aos olhos do

mundo, punam-se todos aqueles que se desviam das suas atribuições ou não cumprem os seus deveres, para evitar que o contribuinte que grita desalmadamente, alcance razão para os seus protestos.

De resto, que nos importa viver nesta ou naquela divisa cambial, que nos pode affligir já agora que o custo da libra seja este ou aquele? O que importa é a regularização da vida do Estado. O que é absolutamente preciso, o que é essencial, para que um pouco de paz raie no horizonte da vida da nação, é que essa divisa se fixe. E fixada ela, melhoradas ou pioradas as condições financeiras de cada trabalhador, quer seja proletário quer não, a existencia decorrerá mais tranquila, não nos enganando muito se nos aventurarmos á opinião de que a normalidade de outros tempos voltará, embora em condições diversas.

Porém, para que alguma coisa se possa fazer no sentido de alcançarmos um relativo bem-estar, não bastam economias, não bastam mesmo sacrificios.

E' preciso que governantes e governados se entendam, duma vez para sempre. E' necessário a desejada estabilidade ministerial, que não nos cançamos de apregoar, pois não é em poucos mezes, não é sequer num curto prazo de um ano ou dois, que um Governo pode fazer algo de útil. Revoluções!? Faltas de respeito aos poderes constituídos!? Não mais. Ponto nisso.

Tenhamos juizo, para que o resto da Europa que gosa de palanque o triste espectáculo que por vezes lhe damos com as nossas questões politicas, nos não continue a observar com um sorriso irónico assomando-lhe aos labios... H. C.

Resposta a Uma carta

... Sr. Director de «A Razão».

Permita V. Ex.ª que me sirva das columnas do seu jornal para responder a um talentoso jornalista desconhecido, que no «Ecos de Guimarães» escreveu «Uma carta».

Certo de queerei atendido resta-me deixar aqui o meu vivo agradecimento. Obrigado.

De V. Ex.ª

Um constante leitor.

Meu presado senhor,

Li a sua amavel carta ha e creia que me sinto extremamente penhorado pelas referencias lisongeirosas com que entendeu referir-se á prosa e indolente deste muito nosso querido jornal. E' certo que exagerou um bocadinho as suas apreciações e os seus elogios.

«A Razão» estou em julgar que nunca pensou, nem sequer sonhou, em nivelar-se com o jornal o «Mundo» que é, no meu fraco entender, um dos que melhores colaboradores conta em todo o jornalismo português e que o meu presado concidadão classificou como sendo o mais objecto jornal de todo o país! — Maneiras de... meter o nariz nestas questões!... Adeante.

Como V. Ex.ª sabe, ou deve saber, a «Razão», semanário republicano, appareceu numa altura em que todas as gazetas locais, todas do partido de el-rei, pretendiam «largar os seus vócos».

Tenho visto que a «Razão» tem desempenhado com rigôr o seu papel de sentinela e que, melhor ou peor, tem conseguido velar pelos verdadeiros principios republicanos.

E' certo que tem cortado os voadourros a muitos corvos reaccionarios mas isso está dentro dos deveres de todos os que são inscristavelmente republicanos e creia que os ha nesta terra e capazes de fazer respeitar a Republica seja em que campo for meaos, é dar, no campo onde tanto correligionarios seus tem conquistado lóros de heróis.

— Chama o talentoso senhor «jacobina» á «Razão»! — Como V. Ex.ª exagera!

P.ás não é verdade que «jacobinos anónimos» são os se-

Resignado

Vai a passar tão triste, emagrecido...
um tudo-nada exangue, já cansado!
— Um esqueleto em pé, ressuscitado.
com sombras de sepulcro por pestido!

Languido é o seu olhar e amortecido;
rosto de cera, de um albor nevado!
A! nunca o vi assim!... Vai tão mudado!
Bem vejo agora quanto tem sofrido!

Seguem-no além olhares de curiosos;
Se o conheceram ficam murmurando:
— «Vai muito acabadinho!»... — E lacrimosos

quando ele passa os lirios vão dobrando!
Mas simulando uns ares espantosos
já diz a todos: — «Isto vai andando!»...

Eduardo Pereira.

labores do «Ecos» incansáveis em provocar a guerra, insultando a Republica com as expressões mais chatras, sem atenção nem respeito por todos os que se orgulham em ser republicanos?!

Não será também verdade que no «Ecos» se tem prometido aos seus correligionarios um «Dia de Juizo» em que todos os da Santa Causa poderão molhar tranquilamente a sôpa, sem receio dum natural gesto de defeza?!

Ora diga, meu carissimo senhor, não será o «Ecos», jornal que tantas pestanas lhe tem obrigado a queimar, uma especie de sopeira arrebutada e mal creada, muito fiel e obediente aos patões mas muito insolente e muito atrevida para com todas as demais creaturas?!

Pois não é verdade que no «Ecos» já escreveu isto em letras gordas, dirigido aos republicanos: «deixae estar mandros que tendes de as pagar com lingua de palmo»?!. E não é verdade que se tem dito no mesmo pasquim que a Republica é uma borracheira verde rubra?!

Pois não é certo que nesse despejadoiro vem constantemente disto: republica de morte — republica de crimes — republica infame — republicanos malandros, ladrões etc., etc., etc.?! E nunca o senhor se enojou, nunca lhe deu vontade de... vomitar?!

— Mete-lhe então nojo a linguagem empregada num arra-

soado que a «Razão» publicou, onde um republicano repele com indignação uma zombaria ácerca do dia nove de Abril?!

— Então o senhor acha pouco o que o «Ecos» tem dito e acha muito que alguém proteste, com o nome por baixo, contra tão acintosas provocações?!

Tem visto muito pouco, ou tem a vista muito curta, presado senhor. E, já agora, que estamos com o mão na massa diga-me o senhor se a «Razão» tem ou não tem razão e se o senhor é ou não é eco do «Ecos» mas um eco muitissimo apagado e muitissimo triste?!

Continuem na senda de difamadores, de mystificadores, de defensores da Santa Causa enfim, mas não ofendam as crenças dos outros, se querem que lhes respeitem as suas e muito menos não venham embrulhar o sagrado com o profano porque, como sabem, Deus castiga sem pau nem pedra, quando lhe estragam a escrita os seus empregados do mundo.

Meu caro senhor, termino aqui esta carta pois entendo que já vai demasiado longa.

Acerca do nove de Abril não lhe digo nada porque o que a tal respeito se disse foi o preciso e... o bastante, para o enojar ao senhor e causar cólicas em mais alguém. Ponto final.

Um constante leitor
de «A Razão».

ECOS

Suprema das vergonhas

Alguem que visitou o nosso Tesouro lamentou a maneira como ele se encontra exposto — verdadeira vergonha e falta de carinho para com as nossas obras d'Arte.

Realmente é vexatorio para uma terra, que deseja caminhar a par das primeiras cidades, o ter assim abandonado uma das reliquias da mais pura Arte, rara em beleza e valor historico, como seji o Tesouro da Colegiada, e que estrangeiros muito tem apreciado e admirado.

Apezar dos esforços empregados pela mui illustre Direcção da Sociedade Martins Sarmento, e especialmente os empregados pelo vogal encarregado da conservação de tal Museu, sr. José Luiz de Pina, continua o Tesouro abandonado, parecendo que a todos os vimaranenses invadiu um sono profundo, pois não tem dado sinal de si, e muito especialmente a nossa Camara, que tinha a obrigação e o dever de salvaguardar melhor o patrimonio legado.

E' um abandono completo... Tratam simplesmente do bem particular, esquecem as suas obrigações, não se importando daquilo que nos pode honrar e que é orgulho de todos nós.

Bem razão tinha Ramalho quando dizia, referindo-se ao desleixo em que se encontram os nossos monumentos, que o povo português, salvo raras excepções, não tinha a minima parcela de sentimento artistico.

E nós vemos na nossa terra; se não fosse o carinho com que José de Pina tem cuidado essas preciosidades, decerto que o Museu da Colegiada era um monturo, onde o pó predominaria e o desleixo se acentuaria ainda mais.

Talvez até que tivessem desaparecido algumas das reliquias que lá se encontram.

Srs. Vereadores da Camara de Guimarães, legítimos representantes da terra que guarda objectos de tão subido valor; se em vós predomina alguma parcela de sentimento pela Arte, não deixeis tam abandonado e apoucado o Tesouro da Colegiada. Dai-lhe, já que mais não podeis, um edificio próprio, onde o encerrassem e melhor disposição lhe pudessem dar. Não achais vergonhosa a maneira como elle actualmente se encontra? Não achais caricato que outros façam referencias menos lisonjeiras á terra que representais, só porque entregamos ao abandono preciosidades que deviam ser respeitadas? Escutai a mui illustre Direcção da Sociedade Martins Sarmento, e vereis como ella de braços abertos, procura, dentro das suas forças, tornar conhecido um patrimonio, que honrando-nos, vos honra tambem.

Será verdade?

O «Mundo» no seu numero de 19 do corrente fazia alarme das maquinações que, em Madrid, os inimigos do regime tramam contra a Pátria e a República.

Dizia elle: «Recordam-se os leitores daquelle complot, antes do 19 de Outubro, que chegou a abranger o Dente d'Ouro, e que se propunha fomentar desordens e imiscuirem-se elementos monarchicos em movimentos revolucionarios para praticarem assassinii? Pois o caso de agora é inteiramente parecido, se é que se não trata da mesma organização, que ainda não desarmou».

Mais: «São estes os pontos principais do infamissimo plano monarchico: agitar o país constantemente com boatos sobre supostas alterações de ordem publica projectadas; auxiliar monetariamente e até com cooperação pessoal de elementos não conhecidos como filiados monarchicos, para que seja possível a eclosão de qualquer movimento revolucionario, parta de onde partir; aproveitar movimentos grevistas e quaisquer manifestações de protesto e fazer explodir bombas, que aparentemente, se possam attribuir a operarios e que concorram assim para aumentar a perturbação; comprar particularmente todos os valores portugueses, ouro, e agravar assim o cambio, etc, etc, etc...»

Será isto verdade, snrs. monarchicos de Guimarães?

O «Mundo» mentirá? Mas olhem que elle não costuma usar o *camaroeiro*, como o faz o das varias notas do «Noticias». Quem lhe deu a informação foi alguem que se encontra em Madrid...

Deitem os corninhos de fóra, e depois... queixem se.

Coisas

O intercambio intelectual entre Portugal e Hespanha vai de vento em pópa.

Os nossos sabios e os sabios vizinhos, num *tu cá tu lá* de enternecer o proprio Afonso Henriques, trocaram as catedras e tanta é já a familiaridade entre elles, que se dirá que vivem de casa e pocarinho.

Parece-nos excelente o facto, como sintoma de melhor *entente* entre os dois países da península; entretanto, seja-nos licito recordar que, apesar de todas estas demonstrações de apreço e carinho, os barcos espanhóis vão fazendo verdadeiras razias nas nossas aguas, com mostras de absoluto desprezo pelos nossos direitos.

Coisas de pouca monta, talvez; mas é nelas que está o *hoc omnis*.

Está curto...

Lêmos o «Ecos» com *saudade* e com *ansiedade* desta vez. Procuramos com olhos soffregos uma attitude, um homem e... nada!

A mesma luta de trincheira, de sapa, de lama.

Assinam-se as «Adivinhas populares» e encobrem-se em «constantemente leitores» os zangãos que pretendem, impunemente, espetar a sua ferradela covarde e venenosa.

Acusam-nos de jacobinos, chamam-nos a nossa prosa e, ainda por cima, parece-lhes que uma creatura pelo facto de uma ou outra vez lidar com asnos não é susceptivel de ser bem educada quando não seji por simples contacto, pelo menos, por indol!

Que grande e rijo *pau* me saia este sujeito, este senhor constante leitor!!!

Por ter as orelhas grandes julga-se no direito de dar coices, mas, não é bem assim, constante leitor! Para dar coices são necessarios muitos outros requisitos que o *senhor* por certo não possui.

O senhor, com o estomago fraco, como diz, não quererá por certo convencer-me que é capaz de mastigar e digirir recheio de colchões. Pois para o constante leitor ser o que ambiciona, está curto!

Para poder dar coices necessario seria comer palha e, como a não come... ai tem o que lhe falta.

Afinal de contas a maioria dos monarchicos — nunca nos enganamos nós — são precisamente o que se vê. Entram covardemente com pés de lã, feriram a fadinha e... fogem miseravelmente!

E falam estes sujeitos em restaurar monarchias, des que não se aguentam com a humilde promessa...

Não os acreditem, senhores, eles não podem com uma gata pelo rabo.

O «Ecos» no ultimo numero transcreve de «O Dia» um artigo, assinado por Raul Esteves, referente ao nove de Abril.

Diz-se neste artigo muita coisa, porem, o que lá se não lê é que os nossos soldados foram assassinados pela Republica, nem tão pouco se diz que «os soldados cumpriram com o mais rudimentar dos deveres», etc, etc...

Embora tenhamos muita consideração pelo sr. Raul Esteves não significa que a sua opinião represente para quem quer que seja um «mot d'ordre».

Vê as coisas com olhos que possui, *não ofende*, está certo.

Poderíamos transcrever aqui opiniões de pessoas de categoria militar, absolutamente em discordância com as expostas; porem, não o fazemos para não prejudicarmos as nossas livrarias. Pois se até ha quem diga que o nove de Abril foi uma

MARCHA MILANEZA

Da Associação de Classe dos Empregados de Comercio, desta cidade, recebemos a circular que abaixo se transcreve, e cujo fim é o de angariar proventos para a realização da *Marcha Milaneza*. Inteiramente ao lado dessa Comissão, não podemos deixar de lhe testemunhar a nossa solidariedade, tanto mais que se trata de um numero que realça no programa dos festejos a realizar em Agosto proximo.

Quem conhecer o que é a *Marcha Milaneza*, o seu deslumbrante efeito e a sua beleza, decerto que não deixará de ajudar os Empregados de Comercio, tornando a sua iniciativa numa realidade, para que orgulhosamente possamos vê realisado um numero, que abrihanta, sem favor, as Festas Gualterianas.

Segue-se a circular:

«Ex.º Senhor

A comissão organizadora da *MARCHA MILANEZA*, que este ano se realiza na ocasião em que a cidade de Guimarães vae efectuar a sua «EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E AGRICOLA» e as suas gloriosas «FESTAS GUALTERIANAS», vem pedir a V. Ex.º o concurso que sempre tem prestado á sua realização, contribuindo assim para que a nossa terra eleve ainda mais alto as suas tradições. E' nesta grande prova de vitalidade que Guimarães vae afirmar o seu valor progressivo, nesta hora em que todos os povos se aprestam para o triunfo com os seus próprios recursos, desejosos de conquistarem logares onde a sua actividade industrial influa,

A soma razoavel de elementos positivos que Guimarães possue as suas energias acumuladas, tornando-a conhecida e apreciada, permitirão ao seu comércio o desenvolvimento máximo.

São estes elevados principios, eloquentemente sugeridos pela gente de trabalho que estamos ligados e pelas lições dos nossos maiores que levam esta comissão a apelar de V. Ex.º a ajuda indispensavel para fim tam altruista como patriótico.

A muita dedicação e o interesse profundo que V. Ex.º tem por Guimarães, acudirão prontamente á subscrição que se vae fazer, para que, como no passado, seja brilhante, sumptuosa e grande a *MARCHA MILANEZA*.

Guimarães, 1 de Março de 1923

A Comissão.»

consequencia do reinado de Sidonio e quem garanta tambem que Sidonio foi um grande amigo dos monarchicos.

Ora vejam lá os senhores a que tristes conclusões a gente chega!

E depois accusam a Republica de assassina, eles que pretendem por todos os meios afogá-la em sangue.

Prosa... estérica

RAJADAS...

Noite alta — Pelas ruas desertas o vento, o estoira-do garoto que bate a todas as portas e insolentemente assobia ironicas cantigas, divertia-se erguendo e abandonando de seus braços o lixo, a sintese da Vida!

— Como todos os esturdios o vento tambem tem os seus momentos de socego, de lucidez. — Isto que aqui vou escrevendo não imaginem que é fantasia; não! Apenas um resumo, um punhado de palavras revoltadas que o vento me atirou. — Vai falar o vento, escuten-no.

— Homem! não és só tu o consciente. Conheço-me e sei distinguir; como tu pratico o mal e o bem. Sou bom ás vezes faço-me então aragem branda, brisa leve, acariciadora e terna. Outras vezes revoltado ergo-me terrivel; destruo, arrebatto, ergo ás alturas tudo que me cerca para tudo deixar despenhar no abismo e as minhas gargalhadas, com imprecações de mistura, são para mim suprema consolação!

Respeito tudo que me obedece e presto o que tenta resistir-me. Tenho alma e coração embora cegue de raiva ás vezes. — Após litinicas luctas adormeço, sonho, antes porém, penso! Penso, por exemplo nisto meu amigo: no lixo!

— E pergunta-me o vento: — Tu sabes o que é o lixo? — E' tudo. — O veu da noiva que casou, a mortalha miseravel dum mendigo! E' o fel amargo, é o mel puro das abelhas.

— São os dois polos da vida sobrepostos, confundidos. E' a fome abraçada á fartura, é o — (menos) e o (mais) anulados, tornados zero. E' o lixo...

— Ah! e quando vejo a gente por aí, empinada e pedante dentro da casaca da sua superioridade, da sua fidalgaria, da sua nobreza... é ainda com essa irrefutavel verdade, o lixo, que eu lhes tapo a boca atirando-lho com desprezo á cara. O resto que eu sei hei-de contar-to ainda. — E é por isso que ás vezes, vós os Homens, me ouvis com profunda tristeza chorar.

Pirilau.

SHELL

Gasolina

Petroleo

e Oleos

Liceu Martins Sarmiento FABRICA DE PASSAMANARIAS

E RENDAS DE VIZELA

Quem, como nós, tem uma historia patria incomparavel pela sua grandeza e pelo seu heroismo, dela devia fazer biblia santa onde o patriotismo se exaltasse e o civismo procurasse esteio. Infelizmente, tal se não dá, e, tanto assim é que até mesmo nas nossas escolas o seu ensino é descurado.

E' uma vergonha, mas é assim mesmo. Nas nossas escolas o ensino da historia patria pode dizer-se letra morta. Para obviar a esse inconveniente, e illustre reitor do L. C. de Martins Sarmiento, de acordo com o Conselho Escolar do mesmo liceu, resolveu que ás quintas-ferias se fizessem palestras ou lições aos alunos que a elas quizessem assistir, sobre a nossa historia, as quais principiarão na ultima semana.

E' de louvar o gesto do Ex.^o Sr. Reitor e Conselho Escolar do nosso liceu pela utilidade que advem da sua resolução.

NOTICIARIO

Em tratamento da saude encontra-se no Porto, o nosso presado amigo e colaborador, sr. Tenente Gervasio Campo de Carvalho.

* * *

Realisa-se brevemente o casamento do nosso amigo e conceituado negociante desta praça, sr. João de Oliveira Matos, com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Victoria Dias da Silva, prendada filha do falecido coronel Amaro Dias da Silva.

Muitas felicidades.

* * *

Já se encontra completamente restabelecida a Ex.^{ma} Esposa do nosso querido Director, sr. dr. David d'Oliveira.

Os nossos respeitosos cumprimentos.

* * *

Tem passado ligeiramente encomodado, o nosso particular amigo, sr. Dr. Henrique d'Oliveira e Sá, Dig.^o Reitor do nosso Liceu.

Pronto restabelecimento é o que lhe desejamos.

* * *

Atacado por uma pneumonia tem-se encontrado retido no leito, o nosso presado amigo e assinante, sr. Tenente José Matos Junior.

Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

Para os devidos efeitos se publica que, por escritura de vinte e um de Março de mil nove centos vinte e três, lavrada no cartorio do notário abaixo assinado, se constituiu entre Dona Augusta Olimpia Machado de Souza, Dona Germana Nobre Johnston, Dona Isaura Neto Soares d'Oliveira, Domingos Machado de Souza Ribeiro, João Frederico Guilherme Graewe e Vitorino Simões Lopes Sampaio, a sociedade por quotas, constante dos artigos seguintes:

1.^o
A sociedade adopta a firma «**Fábrica de Passamanarias e Rendas de Vizela**», e tem a sua sede nesta povoação de Vizela, comarca de Guimarães.

2.^o
O seu objecto é a industria de passamanarias, rendas e quaisquer outros artigos que resolva explciar.

3.^o
A sua duração é por tempo indeterminado e, para todos os efeitos, a data do seu começo se contará desde um d'Abril, proximo futuro.

4.^o
O capital social é de setenta e dois mil escudos, dividido e representado em seis quotas iguais de dõze mil escudos cada uma, subscritas e ainda por realizar, mas deverão sê-lo integralmente no praso de seis mēzes.

§ único
Por simples deliberação dos sócios em assembleia geral, poderá aquêlê capital sêr augmentado tendo os sócios direito a subscrever para êste augmento com uma importancia igual e nunca superior á que possuiam na sociedade.

5.^o
A gerência de tôdos os negócios da sociedade e a representação desta em Juizo e fóra d'êlê, activa e passivamente, será exercida pelos sócios que, para êsse efeito, fôrem eleitos em assembleia geral, ficando, especialmente, a gerência técnica da fábrica a cargo do sócio João Frederico Guilherme Graewe e a comercial a cargo do sócio Domingos Machado de Souza Ribeiro, com dispensa de caução.

6.^o
Nenhum dos socios poderá associar-se ou negociar em ramo de negócio idéntico do que

a sociedade vai explorar, sob pena de conferir á mēma os lucros que lhe pōssam advir de tais negocios.

7.^o

O uso da firma pertence a cada um dos gerentes, devendo, nos documentos que envolvam responsabilidade, sêr seguida de assinatura individual de mais um ou dois dos sócios, mas única e exclusivamente em negócios que digam respeito á sociedade.

8.^o

Os sócios poderão fazer suprimentos á Caixa social, ficando as respectivas importancias a vencer o juro corrente na praça.

9.^o

Em qualquer caso de dissolução da sociedade, ou mudança da fábrica para outro local todos os socios serão liquidatarios: mas, quando, por qualquer motivo, não haja acordo na liquidação, desde já fica consignado o direito de licitação, ficando, outro-im, á socia Dona Augusta Olimpia Machado de Souza o direito de opção ao terreno e construções nêlê feitas, terreno aquêlê que vai ser vendido pela sócia e marido á sociedade, para o que se estabelece já a principio de que os maquinismos serão avaliados em separado dos prédios.

10.^o

A morte ou interdição de qualquer dos socios não importará a dissolução da sociedade, que subsistirá com os herdeiros ou representantes do socio falecido ou interdito, os quais, entre si, escolherão quem o represente.

§ único

Mas dada a hipótese de aquêlê herdeiros ou representantes não quizerem continuar na sociedade, proceder-se-ha a balanço, para se determinar, em face do mesmo, a quota que lhes pertence, e o seu pagamento sêr-lhes-ha feito em quatro prestações semestrais e iguais, com letra acente, e garantida individualmente por todos os restantes socios.

11.^o

A cessão e divisão de quotas ficam dependentes do expresso consentimento da sociedade, á qual, é, em todo o caso, reservado o direito de preferencia. O sócio que quizer ceder a sua quota, assim o comunicará á sociedade por intermedio dos seus gerentes declarando-lhe o nome do adquirente e o preço que lhe é oferecido. Não usando a sociedade do direito de preferencia dentro do praso de trinta dias a contar d'aquella comunicação, poderá, então, ser feita a cessão áquêlê adquirente.

Sapataria Elegante

Artur de Oliveira Sequeira

Sortido completo de calçado para homem, senhora e criança

Largo do Prior do Crato, 46 - Guimarães

FARMACIA NORMAL DE GUIMARÃES

- DE -

Manoel Jesus de Souza

17, Praça D. Afonso Henriques, 20

Laboratorio de produtos quimicos e especialidades farmaceuticas: solutos esterilizados, cuidadosamente doseados. Aviamento escrupuloso de receita medico e com produtos escolhidos recebidos directamente do estrangeiro.

GRANDE STOK DE ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS.

Posto de socorros: } Mutualidade Portuguesa }
O Trabalho }

Oficina de vassouras e escovas de piassaba e espanadores de cabelo

- DE -

Clementino Machado

Mêdolo - FAFE

Concerta só as vassouras

fabricadas nesta oficina

Estabelecimento de Fazendas Brancas e Miudezas

DE

Matos, Teixeira & C.^a

86 - Praça de D. Afonso Henriques - 84

GUIMARÃES

12.^o

A escrituração da sociedade andarã sempre devidamente arrumada e por ela será dado um balanço anual aos negocios da sociedade, o qual será fechado no dia trinta e um de Dezembro de cada ano.

13.^o

Dos lucros liquidados da sociedade, deduzir-se-ha a percentagem de cinco por cento para fundo de reserva até prefazer o minimo legal, e o restante será dividido pelos socios na proporção das suas quotas, assim como os prejuizos, se os houver.

14.^o

Os sócios renunciam por si, por seus herdeiros e representantes ao direito de requerer a opposição de sêlos e arrolamento aos haveres sociais.

15.^o

Em tudo o mais regularão as disposições do direito applicavel e as deliberações tomadas em reunião dos socios.

Vizela, 21 de Março de 1923.

O notario,

Antonio José Marques Calmarães.

Fernandes Guimarães & Irmão, Sucessores

RUA DA REPUBLICA, 88 a 92 --- GUIMARÃES

DEPOSITO DA POLVORA DO ESTADO

Vidraria, cristais e louças. Tinta, óleos, vernizes e cimento. Artigos para caçadores.
Grande sortido em serviços de louça, para mesa, chá, café e lavatorio

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Quereis vestir bem e pelos ultimos figurinos? Visitai a

Alfaiataria Progresso da Moda

— DE —

Gaspar Lopes Ribeiro

Rua da Republica, 93 -- 97
GUIMARÃES



Casa das Novidades

Largo da Feira do Leite --- GUIMARÃES

Papelaria, tabacaria, perfumarias e miudezas. Grande sortido em postais ilustrados. Musicas para piano e cordas para instrumentos. Caixas de papel com 50 tolhas e 50 envelopes desde 1 a 8 escudos, e muitos outros artigos a preços convidativos.

DE --- **GUARDASOLARIA VIMARANENSE**

Martins, Faria & C.^a, L.^{da}

51, Largo do Prior do Crato, 54 — (Junto às escadinhas)

Deposito de guardasois e chapéus. Concertam-se os mesmos

Vendas por junto e a retalho

Casa Penhorista Vimaranense

Fundada em 1886

Propriedade de PEIXOTO, ROCHA & C.^a

Legalmente habilitadas

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de crédito

Rua da Republica, 144 — GUIMARAES

Ferragens, Cutelarias e Pentes

DE

A. J. Fereira da Cunha

38, Praça D. Afonso Henriques, 39 (Toural)

Vendas por junto e a retalho

GUIMARÃES

Antiga Casa Alemã

DE

Cardoso & Irmão

GUIMARÃES

Modas e miudezas
Fazendas brancas
LANIFICIOS

Antiga Mercearia e Confeitaria

DA PORTA DA VILA

DE

Antonio de Sousa Guise

Deposito de Vinhos da Companhia Vinicola e Aguas Sameiro

24, Rua da Republica, 28 — GUIMARAES

SERRALHERIA MECANICA E CIVIL

— DE —

Antonio Gonçalves Coelho

Vigamentos, cofres, casas fortes, gradeamentos, veios, chumaceiras, tambores, etc.

EXECUTA-SE QUALQUER TRABALHO DE TORNO E FUNDIÇÃO

Largo da Republica do Brazil, 21

"A RAZÃO,"

Semanario Republicano

ASSINATURAS

PUBLICAÇÕES

Semestre . . . 3750 centavos

Anuncios e comunicados, contracto

Numero avulso . . . 20

especial

Ao Cidadão